

A REPRESENTAÇÃO DA TIRANIA NA TRAGÉDIA *Os PERSAS* DE ÉSQUILO (472 A.C.)

AMABILE HELENA ZANCO

Graduanda em História (UNICAMP)

Bolsista de iniciação científica da FAPESP

mabi_zanco@hotmail.com

Orientador: Dr. Pedro Paulo Funari (UNICAMP)

RESUMO

Tendo em foco as Guerras Greco-Pérsicas, conflito que marcou a relação entre gregos e bárbaros no século V a.C., o presente artigo procura analisar a representação da tirania persa na tragédia *Os persas* de Ésquilo, encenada pela primeira vez em 472 a.C.. Trabalhando com algumas passagens da obra e com a perspectiva da relação de alteridade entre gregos e persas, investigamos o modo como este autor grego representou para si e seus semelhantes a monarquia persa menos de uma década após a Batalha de Salamina (480 a.C.), cuja derrota persa é colocada em foco em seu enredo. Este artigo é um dos desenvolvimentos de nossa pesquisa de iniciação científica, "O persa nas fontes gregas: a alteridade na tragédia *Os persas* de Ésquilo e nas representações iconográficas".

PALAVRAS-CHAVE

alteridade; persas; gregos; tragédia grega; tirania.

ABSTRACT

With focus on the Greco-Persian Wars, conflict that marked the relationship between Greeks and barbarians in the fifth century BC, the present article analyses the representation of Persian tyranny in Aeschylus' *Persians*, tragedy staged for the first time in 472 BC. Working with some passages of the tragedy and the perspective of otherness between Greeks and Persians, we investigate how the Greek author represented for himself and his similar the Persian monarchy less than a decade after the Battle of Salamis (480 BC), whose Persian defeat is at the heart of the plot. This article is a development of our scientific initiation research, "The Persian in the Greek sources: the otherness in Aeschylus' *Persians* tragedy and in the iconographic representations".

KEYWORDS

otherness; Persians; Greeks; Greek tragedy; tyranny.

INTRODUÇÃO

A tragédia *Os persas* de Ésquilo, encenada pela primeira vez no ano de 472 a.C., é, entre as tragédias que chegaram completas aos nossos dias, a única que apresenta em seu enredo um acontecimento histórico em detrimento do motivo mítico, tão comum ao gênero. Nascido na cidade de Elêusis, entre 525-524 a.C., e falecido no ano de 456 a.C. em Gela, Ésquilo teria escrito entre setenta a noventa tragédias, mas apenas sete sobreviveram à passagem do tempo, sendo além da apresentada neste ensaio: *Os sete contra Tebas* (467 a.C.), *As Suplicantes* (463 a.C.), *Prometeu Acorrentado* (462/459 a.C.), *Agamêmnon* (458 a.C.), *Coéforas* (458 a.C.) e *Eumênides* (458 a.C.). Em função de sua participação no desenvolvimento do gênero, o autor é tido como “criador da tragédia”. Suas peças com recorrência abordavam temas como conflitos humanos e justiça divina, assim como aspectos sociais, culturais e políticos de sua sociedade. (RODRIGUES, 2011, p. 33-4)

A tragédia em discussão tem como tema a derrota persa nas Guerras Greco-Pérsicas, colocando em destaque a Batalha de Salamina, ocorrida em 480 a.C. Com as personagens rainha-mãe Atossa, Grande Rei Xerxes, fantasma de Dario, mensageiro e coro de anciões persas, seu enredo transcorre na cidade de Susa, onde os anciões discutem a falta de notícias de Xerxes e seu exército, que partiram para conquistar a Hélade. A rainha se junta ao grupo e conta-lhes um sonho ambíguo que tivera na noite anterior, que torna ainda mais incerto o destino do rei e de seus homens. Um mensageiro entra em cena e relata a grande derrota dos persas em Salamina e as dificuldades enfrentadas pelos remanescentes em seu retorno à Pérsia. A rainha, então, dirige-se a tumba do rei Dario, cujo fantasma lhe aparece e condena as ações do filho. O Grande Rei Xerxes é apresentado apenas ao final da tragédia, quando de sua chegada a Susa onde, junto ao coro, ele lamenta a derrota do grande império.

A escolha de Ésquilo em representar um acontecimento contemporâneo demonstra o impacto que as Guerras Greco-Pérsicas possuíram na Hélade do século V a.C. e a necessidade de manter o conflito vivo no pensamento coletivo da *pólis*. Ésquilo escolheu a vitória grega como pano de fundo para sua tragédia, a partir da Batalha de Salamina, da qual ele mesmo participou, de maneira que une sua experiência à de seu povo.

O fato de Ésquilo utilizar um evento histórico nada mais é que reutilizar o mesmo processo que outros autores faziam com os eventos míticos, utilizar um tema conhecido do público como suporte para a exposição das problemáticas ético-religiosas e, mais importante, naquele momento, políticas (RODRIGUES, 2011, p. 19).

No decorrer do presente trabalho, procuramos analisar a representação da tirania persa na obra a partir de alguns trechos selecionados, tendo em mente o fato de esta ser uma representação de origem grega e o contraste construído em relação a democracia ateniense.

■ A TRAGÉDIA GREGA NO SÉCULO V A.C.

Para Jean-Pierre Vernant (1999, p.1), a tragédia, gênero que surge ao final do século VI a.C., instaurou um novo tipo de espetáculo, traduzindo a experiência humana de maneira até então inédita. Sua matéria seria o pensamento social da *pólis*, em especial o jurídico em desenvolvimento. A partir disso, a compreensão desse tipo de fonte deve levar em conta seu contexto mental, do qual se estabelece a comunicação entre o tragediógrafo e seu público (VERNANT, 1999, p. 8).

Os dramaturgos da antiga Grécia tinham o mítico em mente ao compor suas obras. Desse modo, em sua análise devemos lembrar que as tragédias gregas giravam em torno dos deuses, dos incidentes e histórias que povoavam o cenário mítico daquela civilização (KURY, 2000, p. 13), ponto a partir do qual *Os persas* chama a atenção devido a seu fundo histórico. Vernant (1999, p.10) afirma que

Esse mundo lendário, para a cidade, constitui o seu passado - um passado bastante longínquo para que, entre as tradições míticas que encarna e as novas formas de pensamento jurídico e político, os contrastes se delineiem claramente, mas bastante próximo para que os conflitos de valor sejam ainda dolorosamente sentidos e a confrontação não cesse de fazer-se (VERNANT, 1999, p. 10).

Embora a tragédia possua apenas personagens persas, podem-se constatar problemáticas pertencentes à *pólis* grega através da análise da configuração ateniense (SOUSA, 2015, p. 25). Rodrigues (2011, p.77) acredita que a encenação de *Os persas* acompanhava a necessidade de revisar conceitos e refletir sobre os acontecimentos das últimas décadas, de modo que o

Drama histórico, além de sua principal finalidade de entreter, era o elemento necessário à comunidade que nascia: guardar na lembrança os feitos de guerra que os aproximavam dos grandes heróis, exaltar a nova era que nascia, mas, por outro lado, recordar sempre os motivos que faziam dos gregos homens livres (RODRIGUES, 2011, p. 77).

■ A REPRESENTAÇÃO DA TIRANIA

A interpretação mais corrente acerca d'*Os persas* percebe a tragédia como uma ode à vitória dos helenos. Outra interpretação, porém, coloca como tema a desgraça dos persas decorrente da *hybris*¹ de Xerxes. Para Rodrigues (2011, p.78), a presença do Grande Rei serve para o desenvolvimento do tema da queda do rei, que leva a queda de todo um império, de modo que Xerxes nãoalaria apenas por si só, mas representaria todo seu povo.

Sua *hybris* consiste na riqueza que excede o limite conhecido pelos gregos, na tirania de um governo injusto e cruel e na blasfêmia de se considerar um deus (RODRIGUES, 2011, p. 78). A partir destes pontos, a imagem do monarca construída por Ésquilo é a de um déspota, responsável pelos males que afligem seu povo. Ao analisar-se a tragédia, extrai-se que a soberba dos persas, mais precisamente, a de Xerxes, é o que os leva à ruína. A lamentação da personagem reforça esta ideia:

**Mereço apenas comisseração,
eu, infeliz, por ter sido o flagelo
de minha pátria e de minha raça!
(A., Pers., 1221-3)**

Sousa (2015, p.28) afirma que a tragédia apresenta uma temática cara à sociedade ateniense, na qual “a distinção entre o grego e o bárbaro é bem demarcada, a fim de mostrar que, assim como a ruína da Pérsia trouxe a liberdade para o povo submisso, a ruína de Atenas trará a submissão indesejada para um povo livre” (SOU-SA, 2015, p. 28).

ATOSSA
**E que rei e senhor lhes serve de cabeça
e comandante de todos os combatentes?**

CORIFEU
**Eles não são escravos de ninguém, nem súditos.
(A., Pers.,302-4)**

Entre os muitos temas que podem ser estudados a partir da obra de Ésquilo, destaca-se o contraste apresentado entre a democracia ateniense e a monarquia persa, comparação implícita entre Pérsia e Atenas. Pensando no conceito de liberdade grego, Harrison (2000, p.77) afirma que *Os persas* apresenta que Atenas sobreviveu e triunfou devido a seus valores democráticos, valores estes que garantiriam seu sucesso futuro. Esses valores democráticos e a liberdade grega contrastam com o modo de vida persa, pautado em uma dominação centralizada no poder real. “Se,

1 ὑβρις: Conceito grego que pode ser traduzido como excesso, desmedida, orgulho, arrogância, violência, ou qualquer conduta inadequada segundo a moral grega, com frequência atribuído aos persas nas fontes gregas.

por um lado, os gregos valorizavam a liberdade, os persas eram constantemente oprimidos pelo poder real, pela luta desenfreada por conquistas que, muitas vezes, não tinham fundamento nem mesmo aos próprios persas” (RODRIGUES, 2011, p. 76).

E as opulentas cidades da Iônia,
cheias de gregos, ele governou
impondo-lhes sua própria vontade,
firmada no valor de seus soldados
e numa multidão heterogênea
de auxiliares prontos a servir-lhe!
(A., Pers., 1182-7)

A imagem do jugo, como uma ideia que remete à opressão associada à escravidão, é no argumento de Nogueira (2011, p.24-25) a mais importante no contexto da tragédia, pois forma metáforas que enfatizam a oposição entre democracia grega e tirania bárbara. Ésquilo a todo o momento usa de metáforas que refletem a ação de homens em atrelar animais por meio do jugo para expressar uma atitude de dominação.

A relação entre o jugo e o controle que ele impõe já é um exemplo de como, de maneira figurada, o jugo poderá significar, nos autores gregos, uma opressão gerada por um controle ferrenho ou ainda uma ideia de liberdade quando o contexto remete à ação de sua quebra (NOGUEIRA, 2011, p. 27).

nasceu um dia em sua mente a esperança
de sujeitar ao jugo o fluxo inalterável
do Helésponto sagrado, em cujas águas mora
um deus, valendo-se de grilhões humilhantes
feitos para afrontar escravos renitentes.
Ele tentou modificar aquele estreito
e mergulhando nele férreas correntes
forjadas a martelo, abriu uma passagem
sem óbices a seu exército incontável!
(A., Pers., 974-82).

Para os antigos gregos, os sonhos possuíam o caráter fundamental de proporcionar informações sobre o futuro (CORREIA, 2015, p. 30). Características do século V a.C., as obras de Ésquilo são marcadas por sonhos episódicos, que são em sua maioria visuais, premonitórios e constantemente trazem inquietação às personagens, como é o caso do sonho que a rainha Atossa descreve aos anciões:

Em pleno sono pareceu-me distinguir
 duas mulheres de feições muito agradáveis;
 uma delas vestia-se à maneira persa
 e a outra usava trajes obviamente dórios;
 ambas eram mais altas que as mulheres de hoje,
 e diferiam destas tanto pelo porte
 como pela beleza sem qualquer defeito.
 Eram irmãs do mesmo sangue mas moravam
 em pátrias afastadas, uma lá na Grécia,
 que lhe coube por sorte, e a outra em terra bárbara.
 A mim me pareceu que as duas discutiam;
 meu filho, percebendo o fato, quis contê-las,
 tentando pôr arreios no pescoço delas.
 Uma envaidecia-se desses petrechos
 e oferecia a boca docilmente ao freio,
 enquanto a outra debatia-se e afinal
 despedaçava com ambas as mãos o arreio
 com que Xerxes queria atrelá-la ao carro,
 tirando-o de si com toda a sua força;
 pouco tempo depois ela rompeu a brida,
 partindo finalmente o jugo em dois pedaços.
 (A., Pers., 212-32).

O sonho da rainha retrata duas mulheres que por seu porte e beleza possuem aparência divina. Correia (2015, p.33) apresenta três interpretações para as duas figuras. Elas poderiam representar Ásia e Europa, filhas de Oceano. A primeira mulher poderia representar os gregos da Ásia que aceitaram o jugo persa, enquanto a segunda os gregos da Europa, que o recusaram e se rebelaram. A terceira e mais crível interpretação, segundo a autora, as apresenta respectivamente como representações do povo persa e do povo grego. A ideia de dominação está presente, pois Xerxes impõe às duas mulheres o jugo.

A primeira mulher representaria também a forma de governo persa, uma vez que, a partir da perspectiva dos gregos, os persas se submetiam de bom grado ao déspota. O comportamento da outra mulher é o oposto, pois, mesmo atrelada ao carro de Xerxes, ela opõe resistência à submissão, por fim arrebatando os arreios.

Essa mulher não-domesticável representa assim o povo grego e sua forma de governo, baseada na isonomia, na ideia de justiça e na participação de todos os cidadãos no poder, e para o qual a liberdade é um valor tão apreciado, quão temido é o poder concentrado nas mãos de um único homem (CORREIA, 2015, 35).

Ah! Que destino atroz! Ah! Quanto sofrimento invade a minha mente quando ouço falar nestas desgraças! Dói-me mais neste momento pensar nas roupas humilhantes que recobrem o corpo de meu filho. Devo procurar lá no palácio trajes novos para ele. Depois quero encontrá-lo. Nesta hora amarga não trairei a imensa estima por meu filho. (A., Pers., 1133-40).

No decorrer da narrativa a rainha Atossa é apresentada em uma posição proeminente, que segundo Harrison (2000, p.77) tinha o intuito de ser uma representação pejorativa, demonstrando uma influência desproporcional e destrutiva feminina nos assuntos políticos. A personagem ainda é caracterizada como egoísta, superficial e petulante, como pode ser observado no trecho acima, preocupada apenas com o bem-estar de seu filho, o que poderia ser também uma afirmação acerca da monarquia persa como um todo (HARRISON, 2000, p. 81).

Em frente aos auspícios negativos gerados pelo sonho, a rainha se conforta por saber que mesmo derrotado, Xerxes continuará soberano da Pérsia, visto que o despotismo lhe permite a manutenção do poder. Os anciões persas, por outro lado, acreditam que tal derrota pode colocar em perigo a monarquia:

Durante muito tempo, aqui na Ásia
homem nenhum irá obedecer
às leis dos persas; ninguém pagará
tributos decretados pelo império;
não mais se cairá ajoelhado
na hora de escutar as injunções;
o grande rei já não tem força alguma!
Não haverá mais restrições no império
a qualquer manifestação verbal,
pois um povo liberto dos grilhões
passa a falar como melhor lhe apraz
logo que a força bruta chega ao fim.
(A., Pers., 760-71).

Schenker (1994, p.283-284) afirma que essas duas perspectivas, pessoal, pois a rainha está preocupada com o bem-estar de seu filho, e nacional, uma vez que os anciões se preocupam com todo o povo persa, coexistem e criam certa tensão, que é liberada ao final da tragédia quando Xerxes, junto ao coro, lamenta a derrota em terras helenas. A relação que Xerxes estabelece com o coro ao final da tragédia, segundo autor, evidencia que os temores dos anciões acerca de um colapso em seu sistema de governo não se concretizaram, que o poder do Grande Rei não é comprometido, assim como o modo de vida persa.

As the Elders, the spokesmen throughout the play of the Persian populace, obey their king instead of instructing or even blaming him, it becomes apparent that the fabric of Persian society is still in one piece, that the monarch, even if accountable for his mistakes, is nonetheless still in power (SCHENKER, 1994, p. 293).²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto podemos concluir que *Os persas* tem como tema a derrota de um grande império, a queda de um Grande Rei trágico, cuja *hybris* é responsável pelo desastre acometido a seu povo. Esse governante é construído na obra como um tirano, que ao contemplar a derrota entrega-se à lamentação.

A distinção entre grego e bárbaro é bastante clara ao longo da tragédia. Os bárbaros persas são submetidos a um déspota, não são livres, o que se apresenta em contraste com a democracia e liberdade grega. É afirmada uma superioridade da democracia grega em relação à monarquia persa, apresentada como algo frágil, propenso a esfacelar-se a menor pressão. Apesar deste aspecto do governo persa, seu modo de vida resiste, algo que pode ser interpretado como inerente a seu povo, característico dos bárbaros. A partir destes aspectos se constrói uma relação de alteridade entre gregos e persas. Além da tirania trabalhada no presente ensaio, a obra ainda apresenta muitos elementos a partir dos quais pode-se pensar a representação do “outro”.

LISTA DE ABREVIATURAS

A., *Pers.*, — Aeschylus, *Persae*, (Ésquilo, *Os Persas*).

FONTES

ÉSQUILO. *Os Persas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA, B. C. de P. *A adivinhação na tragédia de Ésquilo*. 416 f. Tese (Doutorado) -

² “Como os anciões, porta-vozes do povo persa ao longo da tragédia, obedecem o rei ao invés de instruir ou culpá-lo, se torna aparente que a estrutura da sociedade persa continua intacta, que o monarca, mesmo que responsável por seus erros, assim continua no poder” (tradução nossa).

Curso de Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

HARRISON, T. *The Emptiness of Asia*. Londres: Duckworth, 2000.

NOGUEIRA, R. de S. *As metáforas trágicas em Persas de Ésquilo*. 216 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras Clássicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

RODRIGUES, M. A. *Nas redes da Até: A hybris de Xerxes em Os persas de Ésquilo*. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

SCHENKER, D. The Queen and the Chorus in Aeschylus' Persae. In: *Phoenix*, Columbia, v. 48, n. 4, p.283-293, inverno. 1994.

SOUSA, Renata Cardoso de. A formação discursiva d'Os persas de Ésquilo. *Revista Hélade*, Niterói, v. 1, n. 2, p.24-29, dez. 2015.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999.